

LAROYÊ POMBAGIRA CIGANA: ELA PAROU E LEU A MINHA MÃO E ME DISSE A MAIS PURA VERDADE

Cláudia Mirella Pereira Ramos¹

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v2i2.17161>

*A roseira que eu plantei
Não deu rosas, deu espinhos
Eu vou chamar uma cigana
Prá limpar os meus caminhos*

#Oriô #Optchá

O meu interesse pelo Candomblé surgiu com a minha mudança do Estado de Minas Gerais para Bahia, observando e sentindo o quanto as religiões afro-brasileiras são fortes nesta região. Através de uma disciplina que cursei no mestrado (Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras), tive a oportunidade de conhecer e aprofundar as discussões de leituras etnográficas sobre a temática. O meu primeiro contato com o Candomblé aconteceu através dos atendimentos realizados com a “Pombagira Cigana” chamada Hila. Hila é uma entidade tranquila e suave. É muito alegre, adora cantar e se arrumar com roupas bonitas, brincos, pulseiras e perfumes. Logo aprofundarei esse assunto, pois preciso relatar o preconceito que tinha com essa religião. Sou natural de Pedra Azul, interior de Minas Gerais. Desde criança, frequentei a Igreja Católica por influência de minha família. A cidade de Pedra Azul/MG se localiza a aproximadamente 100 quilômetros da cidade Cândido Sales/BA e a 159 quilômetros de Vitória da Conquista/BA, tendo assim uma forte influência linguística, musical, comidas típicas baianas e em menor grandeza a religião afro-brasileira como o Candomblé.

Acredito que o Candomblé possui menor grandiosidade nesta região, devido à visão preconceituosa e errônea das pessoas. Quando me refiro a preconceito, incluo-me nesta visão, pois desde criança ouvia dizer os seguintes termos: “o pessoal da Bahia adora mexer com macumba”, “fazem magia negra nas encruzilhadas”, “desejam o mau para as pessoas”, “fazem magia para tomar o marido da outra”, “chamam o diabo”, “matam os animais e mexem com sangue”, entre outros estereótipos. A visão que as pessoas têm do Candomblé vem acompanhada de sincretismos negativos, associando as práticas

¹ Doutoranda e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia-UFBA; no âmbito da pesquisa desenvolvo investigações relacionadas aos Povos e Comunidades Tradicionais, Direitos Humanos e Políticas Públicas; cmirella93@gmail.com.

religiosas que ocorrem nas cerimônias a cultos demoníacos. Despacho e macumba são, hoje, palavras que integram o vocabulário do brasileiro e que carregam uma conotação pejorativa.

Em janeiro de 2013, devido ao trabalho do meu esposo, viemos morar na cidade de Eunápolis/BA, localizada na Região Costa do Descobrimento, extremo sul da Bahia. Reconheço que até este momento estava enraizada de preconceitos, e não tinha sequer curiosidade de conhecer e pesquisar sobre o Candomblé. Contudo, ao conhecer e conviver com os baianos, aos poucos, fui conhecendo alguns termos/palavras/gírias que foram despertando a minha curiosidade como exemplo: “é muito axé”, orixás, oferendas, ebó de limpeza, encruzilhada macho, encruzilhada fêmea, entre outros, despertando-me uma vontade de conhecer melhor sobre o assunto. A partir do mês de fevereiro de 2013, começamos a passar por alguns problemas pessoais, com muita discórdia e desentendimentos onde estava impossível dialogar. A sensação que eu tinha, era que existia alguma coisa “oculta” que estava entre nós. Neste período, tanto eu, quanto o meu esposo, estávamos completamente afastados da vida religiosa. A diferença era que, apesar de não estar frequentando nenhuma religião, eu acreditava em Deus; o meu esposo ao contrário, não acreditava mais em Deus, e dizia que a ciência estava acima de tudo. Os problemas foram só aumentando, invadindo a vida familiar, amorosa, o trabalho e amizades.

Diante do exposto, o meu desespero era enorme diante dos problemas. Um belo dia, uma colega de trabalho chamada Luciana convidou-me para realizar uma consulta com o seu “Pai de Santo”, que recebia uma pombagira de uma cigana todas as terças feiras, e/ou o “Pai de Santo” poderia jogar os búzios. Por conseguinte, mesmo com a minha resistência, preconceito e medo, aceitei o convite. O atendimento não foi realizado em um “terreiro”, porque o “Pai de Santo” havia acabado de se mudar para Porto Seguro/BA, devido ao seu trabalho profissional, e ainda não tinha um terreiro para realizar os seus atendimentos. Assim, os atendimentos estavam sendo na residência da sua “Filha de Santo” Luciana. No dia marcado, eu compareci e fiquei aguardando na sala de espera. Neste momento, diversas dúvidas me passavam à cabeça, o coração acelerava, as mãos e pés ficavam gelados, uma tremedeira incontrolável dominava o meu corpo. De repente, a filha de santo me convida para entrar. Levantei-me lentamente, e em passos pequenos caminhei em direção ao atendimento. Neste contexto, a minha primeira visão foi de um homem sentado, vestido com uma saia vermelha, uma blusa colorida, diversos colares e pulseiras, um turbante na cabeça, fumando um cigarro e tomando uma taça de cortezano.

Em seguida, a filha de santo pediu para eu dar um abraço no Pai de Santo e, ao cumprimentar-me, a sua voz era de uma mulher. Neste momento, eu não estava mais conversando com um homem, mas sim com uma mulher (entidade). A voz era de um português arcaico misturado com um sotaque estrangeiro. Tentei controlar as minhas emoções e o meu medo, afinal tudo era muito novo. Depois a “Cigana” pediu-me para cortar um baralho e posteriormente escolher sete cartas. Ao escolher as cartas a entidade me disse o que significava cada uma delas. E depois disse: “A senhora está sob efeito de um ‘trabalho’ que foi feito para atrapalhar a vida de sua família, pois o corpo e a alma de vocês estão desprotegidos. A senhora quer resolver o problema?”. Em seguida, a “Cigana” relatou todos os problemas que estavam acontecendo na minha vida como: relacionamento, encosto, amizades, inveja, entre outros. Solicitou que eu anotasse as coisas que seriam necessárias para realizar os rituais e combater o “trabalho” e as energias negativas que estavam atrapalhando a minha vida. Neste dia, não realizei muitas perguntas, praticamente só ouvi e respondia o que ela me perguntava. Na verdade, eu estava com tanto medo que tinha medo até de perguntar. Afinal, aquele ambiente foi completamente novo.

Ao sair da consulta, me deparei com diversas dúvidas como: Será verdade? Como pode aquela pessoa/entidade saber de tantas coisas e saber exatamente o que eu estava passando? A sensação que eu tive foi que ela/ele estava lendo os meus pensamentos. Mas, como isso é possível? Apesar de tantos acertos, eu ainda não tinha me convencido que aquilo era verdadeiro, mas comprei os ingredientes para realizar o “trabalho”. Na semana seguinte levei todas as coisas solicitadas como: rosas, velas, perfume, diversas ervas, purpurina, água de laranjeira, bijuterias, espelhos entre outros. Neste dia, eu estava mais calma, teve uma melhor interação entre nós. Primeiramente, a cigana solicitou que eu tomasse um banho com água e sabão e depois jogasse o seu preparo com as rosas da cabeça aos pés. Depois solicitou que pegasse as pétalas e levasse para ela. A cigana pegou os materiais que eu havia levado, colocou tudo em um cesto, fez algumas orações e começou a cantar a seguinte música: “Pombagira é que nem ponta de agulha; pombagira é que nem ponta de agulha; quem mexer com a pombagira; está cavando a sepultura; quem mexer com a pombagira; está cavando a sepultura”.

Após tudo pronto, foi solicitado que a filha de santo colocasse em uma encruzilhada fêmea. De repente, a cigana disse: “Aguarde o resultado, em sete dias começa a ter efeito” (risos); deu-me um abraço e disse que eu poderia ir. Neste dia, a minha cabeça doeu muito. Fiquei me perguntando: “ em que estou mexendo”. Diante do

contexto, as dúvidas só aumentavam e a esperança de resolver os problemas também crescia, e eu percebia que estava totalmente equivocada sobre a religião Candomblé. Não acreditei que em sete dias os meus problemas seriam resolvidos como um toque de mágica, mas reconheço que comecei a sentir uma paz e força para enfrentar o que estava acontecendo. Por conseguinte, e pela dimensão dos problemas, após aproximadamente uns 25 dias do “ritual” realizado, resolvi realizar uma nova consulta com o Pai de Santo, porém dessa vez com os búzios.

Desse modo, no dia marcado, fui para consulta. Eu estava muito tranquila e curiosa para saber como seria. Um dos motivos da minha tranquilidade era por saber que, dessa vez, o atendimento seria realizado por uma pessoa, e não por uma “entidade”. Após o Pai de Santo jogar os búzios, o mesmo disse o nome dos orixás que me acompanham. Informou-me que eu deveria acender velas e realizar oferendas em homenagem às iabás, informou-me ainda que eu havia adquirido uma carga muito negativa e que precisava me fortalecer e me proteger, pois, até aquele momento, eu não havia me protegido. Assim, passou-me uma lista de ingredientes para comprar e realizar uma “oferenda” para meus orixás. Os ingredientes foram: velas, um pano vermelho, feijão fradinho, milho de pipoca, azeite de dendê, farinha de mandioca, um cesto, boneca, espelho, pente, mel, flores amarelas e vermelhas e bijuterias. Ao olhar os ingredientes, achei inicialmente tudo muito estranho. Eu não tinha ideia de como estes ingredientes seriam utilizados. Comparando o atendimento com a “entidade” e o atendimento através dos búzios, gostei mais de conversar com a cigana, mesmo com todo o meu medo. Achei o atendimento com o Pai de Santo muito frio e rápido. Neste segundo momento, nem tudo bateu com o que de fato estava acontecendo, mas me comprometi a comprar as coisas solicitadas.

No dia marcado, levei os ingredientes para os “filhos de santo” começarem a preparar as oferendas. Segundo o Pai de Santo, como o ebó estava sendo preparado para mim, eu não poderia tocar em nada, apenas observar. Os “filhos de santo” acenderam uma vela na cozinha e começaram a preparar as comidas. Ao final, fizeram acarajé, omolocum, ado e pipoca, colocaram tudo separadamente em pratos brancos e me levaram para praia. Ao chegar numa praia deserta e escura, tendo como iluminação apenas a lua e as velas, colocaram as velas na areia; o Pai de Santo, juntamente com os filhos de santo, cantou várias músicas na língua iorubá e posteriormente mandou-me subir no pano vermelho com a perna direita. Em seguida, o Pai de Santo soltou o meu cabelo e passou as comidas em todo o meu corpo da cabeça para baixo, rezando e cantando em iorubá. Depois, saí do pano vermelho sem olhar para trás e eles continuaram fazendo o ritual.

Posteriormente, eu me abaixei diante da cesta onde estavam as flores, o pente, o espelho e a bijuteria e fiz os meus pedidos, os cantos e as orações continuaram. Ao retornar para a sede do atendimento, tomei um banho da cabeça aos pés com água e sabão, e posteriormente tomei um banho com um “preparo para descarrego”. Ao finalizar fui orientada a durante três dias vestir roupas brancas e/ou claras, não tomar bebida alcoólica, não comer carne vermelha, não passar perto de bares e não praticar sexo.

Foram muitas emoções no meu contato com o Candomblé, a cada dia que se passava o meu desejo e a minha vontade de querer conhecer e frequentar foi aumentando significativamente. Comecei a frequentar e conhecer melhor a religião. Hoje posso dizer que tenho uma forte afinidade e que o preconceito e medo que prevalecia há cinco anos atrás não existe mais. Os relatos são muitos!!! Mas posso dizer que, a cada dia que se passa, me encontro melhor nesta religião. Confesso que já me acostumei a conversar com a pombagira Cigana Hila, contudo, fico com um frio na barriga e uma sensação de tremeadeira quando penso em conhecer/conversar com outras entidades. Sinto uma certa insegurança misturada com o desafio de ir fundo e ultrapassar as barreiras que me levam a ter medo em algumas ocasiões. No dia 06 de maio de 2014 fui juntamente com meu esposo consultar com a pombagira cigana. O meu esposo queria orientações para fazer uma oferenda para seu orixá. Neste dia não havia outras pessoas para serem atendidas. Ao chegarmos abraçamos a cigana, que perguntou se estava tudo bem. Disse que estava muito alegre porque o seu menino (Pai de Santo) estava tomando o rumo certo. Em seguida, tomou uma taça de cortezano e cantou a seguinte música cigana: “Vinha caminhando a pé, para ver se encontrava a minha cigana de fé; Ela parou e leu minha mão; Me disse a pura verdade; Eu só queria saber aonde mora a minha pombagira cigana. Vinha caminhando a pé, para ver se encontrava a minha cigana de fé. Laroiê!”.

Após terminar de cantar, a pombagira disse que tinha um convite para fazer. Em seguida, disse que estávamos no mês de maio, mês da sua festa cigana e que gostaria muito de celebrar o nosso casamento cigano. Em relato: “Eu quero celebrar este casamento cigano porque tenho muito apreço por vocês; acompanhei o seu sofrimento, quando a moça sofreu o acidente²; o moço achou que ia encontrar o seu amor morto, mas encontrou vivo; vocês merecem renovar os votos, mas só se quiserem, não são obrigados”. Neste contexto, olhamos um para o outro e, sem pensar no significado

² Em maio de 2013, sofri um acidente de carro na BR 367 entre as cidades de Porto Seguro/BA e Eunápolis/BA. Quebrei o fêmur da perna direita em vários lugares. Tive muito conforto espiritual no candomblé.

daquele convite, falamos que aceitávamos. A cigana deu uma gargalhada e disse que já sabia a resposta. Assim, solicitou que anotássemos o que era para providenciar. Em relato: “Neste dia tem mais um casal; serão dois casamentos; as mulheres usarão roupa de cigana e os homens roupa branca; vou precisar de uma garrafa de vinho, um pombo branco, um lenço vermelho, um pano branco, um punhal, uma maçã, arroz, água benta de igreja, girassol, rosas brancas e duas taças; o casamento será na beira da praia no dia 17 de maio de 2014. Após o casamento, danço um pouco e os noivos comemoram com os convidados comendo e bebendo, pois será minha festa”.

Ficamos muito comovidos com o convite. No decorrer das duas semanas seguintes começamos a nos preocupar com os preparativos, pois o Pai de Santo ainda não tinha confirmado se iria acontecer a festa da cigana. Ficamos meio perdidos devido a sua desorganização tendo como consequência certo desânimo em dar prosseguimento ao prometido. Quando chegou o dia 16 de maio de 2014, ele nos informou que iria adiar para o dia 24 de maio, porque ainda precisava organizar algumas coisas. Nestas idas e vindas, o lugar onde iria ser realizada a festa foi mudado várias vezes. Quando finalmente ele se decidiu, chamou-nos para uma reunião, juntamente com o outro casal para acertar os ajustes. A reunião foi realizada no dia 21 de maio de 2014 na residência do Pai de Santo que tinha acabado de se mudar para cidade de Eunápolis/BA. Assim sendo, no dia e horário marcado, comparecemos. O mesmo nos perguntou o que estávamos pensando. Falamos que estávamos aguardando a sua orientação, pois não sabíamos como seria a festa nem a cerimônia. O mesmo nos disse que nós juntamente com o outro casal teríamos de arcar com as despesas de toda a festa para aproximadamente 20 a 30 pessoas. E começou a dizer que a festa da cigana seria realizada em Arraial D’Ajuda, em Porto Seguro/BA, em frente ao hotel Ancoradouro, em uma barraca de frente para praia. Em relato: “Vocês vão comprar as frutas, bebidas, um bolo e os ingredientes para fazer um caldo”. Eu disse que não estava entendendo o porquê teríamos de arcar com toda a festa dela; que, pelo que eu tinha entendido, a festa dela iria acontecer independente da cerimônia, e que ela iria aproveitar o momento para realizar o casamento. Disse ainda que a Cigana Hila tinha falado que iríamos arcar apenas com as despesas da cerimônia, e não com a festa toda. Além do mais, teríamos de arrumar lugar para dormir, já que o evento seria à noite e em outra cidade.

Diante dos meus questionamentos, ele resolveu dividir as coisas e arcar com algumas despesas. Observamos que ele queria transferir a responsabilidade dele de realizar a festa para nós. Após a divisão de tarefas, nos organizamos para comprar os

materiais necessários para a festa e casamento cigano. Conforme combinado, compramos várias frutas frescas para decoração como: melancia, abacaxi, uvas, mangas, laranjas, etc... Ficamos hospedados em um hotel de frente para praia, onde seria realizada a festa. Vieram da cidade de Vila Velha/ES duas equedes³ do Pai de Santo para ajudar na ornamentação. Uma era do orixá Oxum e a outra de Iemanjá. No momento da cerimônia, ficamos aguardando aproximadamente uns 40 minutos, depois um dos filhos de santo veio nos chamar. Após cantarmos as músicas, a pombagira iniciou a cerimônia dizendo, em relato: “Escolhi este dia para realizar a minha festa e realizar dois casamentos; adoro realizar casamento cigano; O povo cigano já foi muito discriminado, já sofreu muito por causa da perseguição, tendo de se esconder no mar. Já passamos fome, fomos machucados, mas conseguimos vencer; estes casais que estão aqui também já passaram por dificuldades na vida e vão continuar passando; a vida não será fácil para nenhum de vocês; vocês terão que lutar para conseguir vencer”.

Ela pegou dois punhais, furou os dedos de cada casal, jogou um pano branco por cima, pegou uma maçã furou-a com duas cruces, e fez uma oração cigana enfiando o punhal no meio da maçã. Depois disse que se colocasse a maçã em um lugar seguro e a deixasse secar. Posteriormente, a pombagira molhou o arroz branco na água benta de igreja, e solicitou que jogássemos o arroz nos convidados, e que cada pessoa fizesse um pedido. Ao voltarmos para nosso lugar, pediu para os noivos trocarem juras de Amor e que colocassem as alianças nos dedos. Todos deram uma salva de palmas; em seguida, pegou o vinho e solicitou que tomássemos com os braços cruzados e disse: “Já estão casados, agora podem se beijar”. Dando continuidade à festa, a pombagira cigana pediu para todas as pessoas presentes pegarem uma fruta, fazer um pedido, passar a fruta no corpo e depois jogar no mar.

Após o casamento, a pombagira cigana, juntamente com as duas equedes, se afastou de todos, foram para beira do mar, cantaram uma música de despedida e de repente, ouvimos um grito. Ela já havia partido!!!! Contudo, o mistério continua. Por que nós fomos escolhidos por ela para participar desta cerimônia, e como será daqui para frente? Essas respostas só ao sagrado pertencem. E a cada dia que passa, percebo que encontrei o meu caminho espiritual.

³ Nome dado de acordo com a nação do candomblé para um cargo feminino de grande valor que não entra em transe.

Recebido em: 16/10/2018

Aceito em: 22/11/2018